

AS MARGENS DA ALEGRIA. O INVISÍVEL NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO MODERNO

Maritza Maciel Castrillon Maldonado¹

Univerisade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Resumo: Neste texto buscamos conciliar a literatura e a história da pedagogia, no sentido de problematizar os valores do projeto Iluminista da Educação. Discutimos os princípios do pensamento social, político e educativo estabelecidos a partir do momento histórico em que a idéia de racionalidade científica passa a compor o centro do referido projeto. Para a realização dessa tarefa, analisamos o conto escrito por Guimarães Rosa “As margens da alegria”, à luz das alegorias produzidas pelo filósofo alemão Walter Benjamin, tendo como objetivo demonstrar como foram sendo constituídos os valores do campo educativo que contribuem para que as crianças fiquem protegidas do mundo. Demonstra-se como a formação do ser humano requerido pelo projeto moderno tira do espetáculo da vida a experiência (*Erfahrung*), em seu sentido forte, dando lugar à vivência (*Erlebnis*).

Palavras chave: *educação, criança, experiência*

Margins of joy. The Invisible in the formation of the Modern Human Being

Abstract: In this paper we seek to reconcile pedagogy's literature and history in order to problematize the values of the Enlightenment Project of Education. We discuss the principles of social, political and educational thought set from the historical moment in which the idea of scientific rationality becomes the core of this aforesaid project. To accomplish this task, we analyze the short tale “Margins of joy” by Guimarães Rosa, enlightened by the allegories of the German philosopher Walter Benjamin. Having as our purpose to demonstrate how the values of the educational area that contributes for the children to stay protected from the world had being constituted. It is here put in evidence how the shaping of the human being required by the modern project takes the experience/wisdom away from the living spectacle (*Erfahrung*), in its strong meaning, giving rise just for experience (*Erlebnis*).

Keywords: *education, children, experience*

Los bordes de la alegría. Lo invisible de la formación del humano Moderno

Resumen: En este texto buscamos conciliar la literatura y la historia de la Pedagogía en el sentido de problematizar los valores del proyecto Iluminista de la Educación. Discutimos los principios del pensamiento social, político y educativo establecidos a partir del momento histórico donde la idea de la racionalidad científica comienza a componer el centro del proyecto citado. Para la realización de esta tarea analizamos el cuento escrito por Guimarães Rosa “los bordes de la alegría”, a la luz de las alegorías producidas por el filósofo alemán Walter Benjamín, teniendo como objetivo demostrar cómo fueron siendo constituídos los valores del campo educativo que contribuyen para que los niños se queden protegidos del mundo. Se demuestra como la formación del humano requerido para el proyecto moderno saca del espectáculo de la vida, la experiencia (*Erfahrung*), en su dirección fuerte, dando lugar a la vivencia (*Erlebnis*).

Palabras clave: *educación, niños, experiencia.*

¹ Professora da Univerisade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

1.1 Alegria e experiência: uma relação possível aos olhos da criança

Guimarães Rosa (1998) narra, em “As margens da Alegria”, a sutileza do olhar de uma criança. Um olhar que procura, mais do que a racionalidade geométrica do mundo, aquilo que o mundo racional não enxerga: o que é complexo, contraditório, destorcido, nômade, instável, irregular, híbrido, profano, sujo, ambíguo... Palavras, muitas vezes, desconhecidas para essa criança, que vê e sente o seu cotidiano através da evocação dessas imagens que, para alguns são “insignificantes”, mas, para ela, o que importa, o que vale, o que seleciona, o que conta, o que constitui.

O autor descreve, nessa “estória”, a viagem de um menino, acompanhado pelos tios, rumo à grande cidade que ia ser *a mais levantada do mundo*. Relata, também, com perspicácia de detalhes, a viagem de avião: os suspiros do menino; a atenção dos tios; a atitude do piloto; o mundo móvel que era avistado de cima; “as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde” (Rosa: s/d: 7). A chegada ao campo de pouso que ficava próximo à casa que os hospedaria e o tipo de morada são narrados brevemente e o autor se demora, muito e muito, no encantamento do menino com o peru que, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão-brusco, rijo, se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verde metais em azul-e-prêto-o peru para sempre. Belo, belo! (id: 8).

O menino se encantou! E *bis-viu*, até o chamarem para o passeio, motivo da viagem. Ver a cidade que nascia. Admirou-se com a natureza que o acompanhava no caminho; com os *castelos já armados* que suspendiam a cidade ao céu. De volta a casa, e o peru? “Só umas penas, restos, no chão.” E a certeza? Essa, para o menino, fora, num átimo, perdida, assim como as mais belas coisas. “Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru”. O passeio continuava, mas, agora, sem a beleza que lhe roubaram. Sua tristeza na grande cidade: além do peru, pássaros mortos, ribeirão cinzento, plantas desbotadas... “e o mato?” A tia pergunta... “como sai dali?...” e, num instante, “a árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh... sôbre (sic) o instante ela para lá se caiu, toda, toda” (id: 11). De volta a casa, para o jantar, o que serviram? O peru.

O peru, grande ave doméstica que cisca a terra e descobre seu alimento, que gruguleja e comove o menino com seu simples modo de ser, é o que interessa no conto ora narrado. Ele, e não a maior cidade, comove o menino. Nós, adultos, bem intencionados e esclarecidos, do alto da suas *experiências*, não vemos o peru, mas acreditamos saber o que é importante para o desenvolvimento da criança.

Que experiência é essa que impede os adultos de verem os “perus” de cada dia? Walter Benjamin, filósofo alemão, diz que os adultos, em sua luta por responsabilidade, se fantasiam com a máscara da experiência. *Uma máscara inexpressiva, impenetrável, sempre igual* (1984:23). Os adultos, sempre iguais,

isolados no trabalho e em na história pessoal, vivem a rapidez das transformações que a sociedade capitalista lhes impõe, e sacralizam o novo, o futuro, o avante, o à frente, o ao alto. Vivem em constante busca e, no afã do acúmulo de novas experiências, acreditando que aquilo que acumulam, aquilo que, ao longo de suas histórias, vem completando-os, constituindo-os, já seja o bastante para saberem o que é “melhor” para a vida da criança. “Tudo o que tem sentido, que é verdadeiro, bom e belo” (id), foi acumulado pela experiência do adulto. Assim, o adulto acredita ter sempre “Razão”.

E os adultos educadores? A experiência acumulada os autoriza, ainda mais, a meditar sobre o que de melhor deve servir às crianças. Desde o Iluminismo, uma fé foi instaurada, atribuindo à razão a capacidade para iluminar, transformar e melhorar a natureza e a sociedade (Deacon e Parker, 1999: 98). Imbuído dessa fé, o professor, que já é um adulto experiente e responsável, é autorizado a catalisar conhecimentos produzidos para reproduzir aos alunos e, assim, iluminá-los, tirá-los das trevas, das superstições opressoras, dos mitos enganosos (Veiga-Neto, 1996a:25). Como diz Kant (1999), o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz e, para tal, deve receber educação de outro homem. Em que instituição essa educação se processa? Na escola. Através de qual mecanismo? Da disciplina. É a disciplina que tira a selvageria do homem e transforma a animalidade em humanidade. Assim, “as crianças são mandadas à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranqüilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos” (Kant, 1999: 13).

O legado Iluminista, aqui ilustrado pelo pensamento Kantiano, constitui uma das mais rançosas especulações dos pedagogos que, meditando com pedantismo (Benjamin, 1984: 77), definem a produção daquilo que serve para transformar aquele pequeno animal (a criança) em ser humano. Cinzenta e poderosa, essa experiência, tal qual a cidade que se erguia no conto de Guimarães Rosa, é apresentada, todos os dias, às nossas crianças. Seu espírito, sua alma são capturados, mas, como diz Benjamin, “vivenciar sem o espírito é confortável, embora funesto” (1984:25).

Mas, a criança não resiste ao ver sair de si o “animal” que a constitui? Se pensarmos no peru, veremos que a criança nos apresenta uma outra Experiência que, muitas vezes, pode ser hostil ao espírito, mas que se traduz no que existe de mais belo, intocável e inefável (id). O olhar da criança percebe que a terra está repleta dos mais incomparáveis e específicos seres que a História contínua torna invisíveis, impedindo que os adultos enxerguem.

O conto de Guimarães Rosa revela-se, hoje, inacabado, assim como a história constituída para a “criança”. Tal como “as sementes mantidas no vácuo durante séculos nas pirâmides, e que até o dia de hoje conservam sua força germinativa”, o referido conto possibilita a fusão do passado com o presente, permitindo, ao presente, “reencontrar, reativar um aspecto perdido do passado, retomar, por assim dizer, o fio de uma história inacabada para tecer-lhe a continuação” (Gagnebin, 1993:61). Neste caso, a narrativa feita por Guimarães Rosa paralisa a história contínua das grandes construções para apresentar o

simples peru, tornando possível perceber uma outra história e apresenta a possibilidade de uma outra Experiência.

Walter Benjamin, em seu estudo sobre as “Teses da História”, compõe uma reflexão sobre a História contínua, ou o Historicismo, perguntando: “com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente?” E, em seguida, ele mesmo, responde: “com o vencedor”. E continua: “Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje a marcharem por cima dos que, hoje, jazem por terra”. Essa forma de experienciar a História traz consigo uma idéia de fatalidade, ou seja, de que tudo o que acontece no mundo está submisso à ordem, ao controle e à vigilância do Capital. Traz, ainda, o peso da vida aprisionada nas malhas cada vez mais cerradas da intrincada rede de constrições públicas e privadas (Calvino, 1999a:19). Conformando-nos com a História em que nada de inusitado deve acontecer, seguimos o cortejo triunfante dos dominantes, tornando “nossas” as experiências vividas pelas gerações anteriores e, assim como eles, seguindo sempre à frente, rumo à “Terra Prometida”.

Benjamin, ao contrário dos historicistas que acreditam na fatalidade da história, nos convida a escovar a história a contrapelo, ou seja, convida-nos a não buscar nas experiências individuais (*Erlebnis*), vividas isoladamente, recriar experiências coletivas (*Erfahrung*). O que ele sugere é que se possa reconstruir um universo incerto a partir de uma tradição esfacelada. Ou seja, que se abra, que se rompa a história para que novos, outros “trechos de histórias e sonhos” sejam vistos. Assim, Benjamin nos convida a ver, tal qual a criança desordeira², aquilo tudo que *jaz* por terra. Essa é outra História. Essa é outra Experiência. Essa é a História sugerida por Benjamin aos historiadores materialistas: trazer uma teoria da *Experiência*, no sentido forte do termo, a *Erfahrung*, que se traduz como uma história viva e coletiva, “que não pretende dar uma descrição do passado ‘tal como ele ocorreu de fato’; pretende fazer emergir as esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente” (Gagnebin, 1993:53). Guimarães Rosa deixa subjacente, em seu conto, a força secreta de um acontecimento que, hoje, pode modificar a História. Paralisar e ver no presente um passado que não se realizou. Questionar como teria sido se tivesse tido a possibilidade de se realizar. Assim como no conto, o menino teria olhado mais o peru e, talvez, não o tivesse deixado morrer; o autor nos convida a desconfiar mais, a ter menos verdades, menos vivências que não nos possibilitam experienciar. Ver a História a partir do cotidiano, que não consta nos livros das histórias oficiais, e enxergar nela a possibilidade de um futuro diferente. Olhar o cotidiano e resgatar o seu passado, não para guardá-lo ou conservá-lo, mas para salvá-lo. Fazê-lo romper com a delimitação do espaço que o produz, quebrá-lo em mil pedaços e ver os cacos saindo do exílio, criando outras histórias.

Para Benjamin, necessitamos de ar fresco. Precisamos sair da caixa de veludo, despejarmo-nos no mundo e criar novos espaços, mudar o ponto de observação. Como diz Calvino (1990a:19), reportando-se a Perseu, devemos voar para outro espaço:

Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo

² Título de um dos extratos de *Rua de mão única* de Walter Benjamin (1984:79).

sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como nos sonhos (...)

Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Michel Foucault, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Ítalo Calvino, entre tantos outros autores que denunciam incansavelmente o homem-estojo em que nos transformamos a cada dia, nos alertam para que as máscaras comecem a ser vistas no semblante humano. Máscaras essas que podem se quebrar se nos disponibilizarmos a deixá-las cair.

Neste contexto, como fica a experiência do experiente professor? Este, assim como o poeta de Baudelaire (apud Gagnebin, 1993: 45), é convidado a deixar sua máscara cair. Deixar o princípio clássico da filosofia Iluminista, que opõe a cultura (civilização) e barbárie, e investir na possibilidade apresentada por Benjamin de dialetizá-las. Não se trata, entretanto, de desvalorizar a “alta cultura”, nem de considerar as coisas do muldo como barbaridade. Trata-se de redescobrir, fazendo uma varredura a contrapelo na História, os momentos utópicos e subversivos ocultados na “herança cultural” (Löwy, 2005: 77). Brechet (apud Löwy, id), ao escrever o poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, em 1935, objeto de análise de Benjamin, torna possível a escrita da história em sua direção contrária. Não se valoriza os heróis e tece-se a história que celebra os vencidos:

*Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída –
Quem a reconstruiu tantas vezes? (...)
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? (...)
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões*

O poema citado nos evidencia o que é, para Benjamin, salvar a história. Segundo ele, somente a humanidade redimida de seu passado se converteu em citável em cada um de seus instantes. Redimir o passado pode significar, no tempo-agora, recordar o insolente olhar infantil que um dia deixou de existir pela ação da produção de um discurso referente à “criança” e à infância”. Recordar quantos perus aviam passado por nossas vidas durante nossa história e que não haviam sido vistos. Pensar, pois, como haveria sido se tivéssemos visto tudo que desconsideramos. No caso da educação, , deixar a máscara ou a aura do professor cair para então perceber: Por que as crianças gostam de brincar com as porções e restos de materiais de construção, retalhos de costura) Por que para elas tudo é instável? Por que com ela tudo acontece? Por que tem sempre um esconderijo secreto de refúgio? Não seria

ali o lugar onde coloca à prova nossas verdades? Todas essas experiências que nós, adultos experientes, não nos atrevemos tentar, fazem com que a magia da experiência se torne ciência. Quando nós, adultos educadores, pensamos o que produzem as crianças com os restos de costura e de construção? Quando obtemos sua confiança e conseguimos entrar em seu esconderijo? Conseguimos produzir algo a partir do que a História faz para nós? E se trocamos o ângulo de observação, será que não seria possível construir uma outra história, uma outra experiência, de modo que, amanhã, pudéssemos ver, sem ressentimentos, o que nós produzimos hoje? A História oficial da educação torna possível perceber no presente o que foi esquecido no passado, e que outra história poderia ter sido construída?

LOS BORDES DE LA ALEGRÍA. LO INVISIBLE DE LA FORMACIÓN DEL HUMANO MODERNO

1.1. Alegría y experiencia: una relación posible a los ojos del niño

Guimarães Rosa (1998) describe, en “Los bordes de la alegría”, la sutilidad de la mirada de un niño. Una mirada que busca, más que la racionalidad geométrica del mundo, aquello que el mundo racional no ve: el complejo, contradictorio, el destorcido, nómada, inestable, irregular, híbrido, profano, sucio, ambiguo... Palabras, muchas veces, raras para este niño que ve y siente su diario a través del mandato de estas imágenes, para algunos “insignificantes”, pero, para él, qué importa, qué vale, qué selecciona, qué él cuenta, qué constituye.

El autor describe en este cuento, el viaje de un niño, acompañado por los tíos, en dirección a la gran ciudad que fue a ser la más levantada del mundo. Dice, también, con sutilezas de detalles, el viaje del aeroplano: los suspiros del niño; la atención de los tíos; la actitud del piloto; el mundo móvil que fue avistado de arriba; *las nubes de acumulada amabilidad, azul de un aire solo, que claridad al ancho, el suelo llano en la visión cartográfica, distribuida de plantaciones y campos, el verde que si fueron los amarillos y los rojos y el marrón medio y el verde*. La llegada en el campo de aterrizaje que estaba al lado de la casa que los hospedarían; el tipo de vivienda se dice brevemente y el autor si retrasa, mucho y muy, en el encantamiento del niño con el pavo que, *imperial, le dio las espaldas, para recibir su admiración. Estallara la cola, y si entufó, haciendo la*

rueda: rapar de las alas en la suelo-brusca, rijo, si proclama. Gruguleja, el balanceando el cuello denso de bagas rubras; y la cabeza poseía manchas de un azul-claro, raro, del cielo y de "gorriones"; e él, completo, inclinado, redondoso, todo en esferas y planes, con los reflejos verdes metales azul-y-negro él Pavo por siempre. ¡Bello, bello! (id: 8).

¡El niño se encantó! E *bis-vio*, hasta llamarlo para el paseo, razón del viaje. Para ver la ciudad que iba ser la más larga del mundo. Fue admirando se con la naturaleza del camino; con *los castillos armados ya* que suspendieron la ciudad al cielo. ¿De vuelta a casa, y el pavo? *Solamente penas, porciones restantes, en el suelo.* ¿y la certeza? Esto, para el muchacho, en un átimo, se pierde, así como las cosas más hermosas. *Subiese que iba a suceder así, habría mirado más el Pavo.* El paseo continuó, pero, ahora, sin la belleza que habían robado de él. Su tristeza en la gran ciudad: más allá del pavo, los pájaros muertos, riachuelo gris, las plantas sin colores... ¿y las hierbas? La tía pide... ¿cómo se va de allí? ... y, en un instante, *el árbol, de pocas ramitas en colmo, fresca, de la corteza clara... y era chofre solo: ruh... en instante (sic) para bajó se cayó, toda, toda.* ¿De vuelta a casa, él cena, qué habían servido? El pavo.

El pavo, un pájaro doméstico que pica la tierra y descubre su alimento, que gruguleja y conmueve el niño con su razón insignificante de ser, es lo que interesa en el cuento narrado. Él, y no la ciudad más grande, conmueve el niño. Nosotros, los adultos, bien intencionados e clarificados, de el alto el nuestra *experiencia*, no vemos el pavo, pero creemos saber lo que es más importante para el desarrollo del niño.

¿Qué es esa experiencia que nos obstaculiza para ver los "pavos" nuestros de cada día? Walter Benjamín, filósofo alemán, dice que los adultos, en su lucha para la responsabilidad, se disfrazan con la máscara de la experiencia. *Una máscara inexpresiva, impenetrable, siempre igual* (1984: 23). Nosotros, adultos, siempre iguales, aislamos en nuestro trabajo y en nuestra historia personal, vivimos la rapidez de las transformaciones que la sociedad capitalista impone a nosotros y sacralizamos el nuevo, el futuro, el avante, lo adelante, el alto. Vivimos en búsqueda constante y, en la impaciencia de la acumulación de nuevas experiencias, creemos que lo qué acumulamos, con todo eso, a través de nuestra historia, es lo que viene a completarnos, terminarnos, constituirnos, esto ya es todo para nosotros sabernos lo suficientemente lo que es "mejor" para la vida del niño. *Todo lo qué es verdad, bueno y bello* fue acumulado por la experiencia del adulto. Así, el adulto cree siempre tener la "razón".

¿Y los educadores adultos? La experiencia acumulada para éstos, los autoriza, aún más, a meditar qué de mejor debe servir a los niños. Desde el Iluminismo, una Fe fue instaurada, atribuyendo a la razón la capacidad de iluminar, de transformar y de mejorar a la naturaleza y a la sociedad (Deacon y Parker, 1994: 98). Imbuido de esta Fe, el profesor, que ya es un adulto experimentado y responsable, se autoriza para catalizar conocimiento producido para reproducir a los alumnos, y así, para iluminarlos, para sacarlos de la obscuridad, de las supersticiones opresoras, de los mitos de los engañosos (Veiga-Nieto, 1996a: 25). Pues Kant diría (1999), el hombre no puede tornarse uno verdadero hombre si no por la educación. Ello es aquello que la educación de ello hace e, para eso, debe recibir la educación de otro hombre. ¿Dónde esa

educación ocurre? En la escuela. ¿A través de qué mecanismo? De la disciplina. Es la disciplina que saca el salvajismo del hombre y transforma la animalidad en humanidad. Así, *ordenan los niños a la escuela, no de modo que allí aprendan una cierta cosa, pero de modo que allí consigan quedarse sentados tranquilamente y obedecer puntualmente al qué le piden a ellos, con el objetivo de que, en el futuro, él no sigue de hecho e inmediatamente cada uno de sus caprichos* (Kant, 1999: 13).

La herencia Iluminista, ilustrada aquí por el pensamiento Kantiano, constituye una de las especulaciones más rancias de los pedagogos que, meditando con el pedantismo (Benjamín, 1984: 77), definen la producción de lo que sirve para transformar ese animal pequeño (el niño) en el humano. Gris y de gran alcance, esta experiencia, tal que la ciudad que si está levantada en la historia de Guimarães Rosa, se presenta, diario, a nuestros niños. Se captura su espíritu, su alma, pero, como dice Benjamín, *vivir sin espíritu es cómodo, sin embargo funesto* (1984: 25).

¿Pero el niño acepta pasivo la comodidad que la caja del terciopelo le ofrece? ¿El no se opone al ver dejarse el “animalzinho” que lo constituye? Si nosotros pensáramos en el pavo, veremos que el niño nos demuestra una otra Experiencia que, muchas veces, puede ser hostil al espíritu, pero es la que está expresada en lo que existe de más *bello, intocable e inefable* (id). La mirada del niño percibe que la tierra es repleta de los seres más incomparables y más específicos, que la Historia continua torna invisible, obstaculizando a los adultos al enjergaren.

El cuento de Guimarães Rosa demuestra, hoy, inacabado. Como *las semillas mantuvieron en el vacío durante siglos en las pirámides, y hasta hoy conservan su fuerza germinativa*, el cuento hace posible la fusión del pasado con el presente, permitiendo, al presente, *a reencontrar, reactivar un aspecto perdido del pasado, para volver a tomar, el hilo de una historia inacabada para tejerle la continuación a ella* (Gagnebin, 1993:61). En este caso, la narrativa hecha por Guimarães Rosa, que paraliza la historia continua de las grandes construcciones para presentar el simple pavo, vuelve posible percibir una otra historia y presenta la posibilidad de una otra experiencia.

Walter Benjamín, en su estudio de la Tesis de la historia, compone una reflexión de la historia continua, o el Historicismo, pidiendo: *¿con quién, después de todo, el historiador del Historicismo si identifica afectivamente?* Y, después de eso, él mismo, contesta: *con el ganador*. Esta forma de experimentar la Historia trae una idea de la fatalidad, es decir, de eso todo que sucede en el mundo es sumiso a la orden, al control y a la supervisión del capital. Trae, también, el peso de la vida encarcelada en los acoplamientos más cerrados de la red intrincada de las constricciones públicas y privadas (Calvino, 1999a: 19). Conformando nosotros con la historia donde nada de inusual puede suceder, seguimos el cortejo triunfante de los dominantes, creyendo ser en nuestras las experiencias de las generaciones anteriores y, así como ellas, siguiendo siempre al frente, rumbo a la “Tierra Contratada”.

Benjamín, al contrario de los historicistas que creen en la fatalidad de la historia, nos invita a *cepillar la historia el contapelo*, es decir, invítanos a no es decir, nos invita a no buscar la experiencia individual (Erlebnis), vivida solo, recrear la experiencia colectiva (Erfahrung). Lo que sugiere es que se puede

reconstruir un universo incierto de una tradición rota. Es decir, que si abra, que se rompa la historia para que nuevos, otros fragmentos de historias y sueños " se ven. Por lo tanto, Benjamin nos invita a ver, como niños revoltosos, todo aquello todo que *yaz* por la tierra. Ésta es otra historia. Ésta es otra experiencia. Esta historia trae una teoría de *Experiencia*, en la dirección fuerte del termo, *Erfahrung*, que traduce una historia viva y colectiva; *que no se propone a dar una descripción última del pasado, 'como él ocurrió in fact'; se propone hacer emerger las esperanzas no realizadas de este pasado, para inscribir en nuestro presente su apello por un diverso futuro* (Gagnebin, 1993:53). Guimarães Rosa deja subyacentes en su historia, la fuerza privada de un acontecimiento que, puede modificar hoy nuestra historia. Paralizar y ver en el presente un pasado que no realizo. Preguntar pues como habría sido si estuviese tenido la posibilidad de se realizar. Así como en el cuento, el niño habría mirado más el pavo, y, quizás, no lo había dejado morir. El autor nos invita a desconfiar más, a tener menos verdades, menos consejos a dar, menos experiencias que no hacen posible la experiencia. Ver la historia de nuestro cotidiano, que no está en los libros de historias oficiales, y percibir en él la posibilidad de un futuro diverso. Mirar el cotidiano y rescatar su pasado, no para guardarlo o conservarlo, pero para salvarlo. Para hacer romper con el espacio que lo produce, para romperlo en mil pedazos y para ver los pedazos salir del exilio, creando otras historias.

Para Benjamín, necesitamos el aire fresco. Necesitamos dejar la caja del terciopelo, despejarmonos en el mundo y crear los nuevos espacios, nuevos puntos de vista. Como dice Calvino (1990a: 19), refiriéndose a Perseu, debemos volar para otro espacio:

no se trata absolutamente del escape al sueño o irracional. Deseo decir que es necesario cambiar el punto de la observación, que es necesario considerar el mundo bajo una otra óptica, otra lógica, otras maneras del conocimiento y control. Las imágenes del ligereza que busco no deben, en contacto con la realidad presente y futura, llegar a ser fluidas como en los sueños...

Guimarães Rosa, Walter Benjamín, Ítalo Calvino, en medio a tantos otros autores que denuncian el hombre-estuche en que nosotros transformamos a cada día, alarma nosotros para que las máscaras comiencen a ser miradas en el semblante humano. Mascara éstas que se puedan romper si nosotros dejarnos que caiga.

¿En este contexto, como se queda la experiencia del experiente profesor? Éste, así como el poeta de Baudelaire (*apud* Gagnebin, 1993: 45), es invitado a que deje su aureola caer. Dejar el principio clásico de la filosofía Iluminista, que opone la cultura (civilización) y la barbaridad, y investir en la posibilidad presentada para Benjamín de dialetizarlas. No se trata, por lo tanto, de rechazar la "alta cultura", ni de considerar las cosas del mundo como barbaridad. Tratase de redescubrir, haciendo una varedura del contrapelo en la Historia, los momentos utópicos o subversivos ocultados en la "herencia cultural" (Löwy, 2005:77). Brechet (*apud* Löwy, id), al escribir el poema "Preguntas de un trabajador que lee", en 1935, objeto del análisis de Benjamín, torna posible la escritura de la historia en su dirección contraria. No se valoriza los héroes y tecese la historia que celebra los vencidos:

*¿Quién construyó el Tebas de siete puertas?
En libros están los nombres de los reyes.
¿Los tenía arrastrado ellos los bloques de la roca?
E Babilonia algunas veces destruidas -
¿Quién la reconstruyó tantas veces? (...)
La gran Roma es llena de arcos del triunfo.
¿Habían ganado césares? (...)
Cada página una victoria.
¿Quién cocinaba el banquete?
A cada diez años un gran hombre.
¿Quién pagaba la cuenta?
Tantas historias.
Tantas preguntas*

El poema citado evidencia a nosotros, lo que es, para Benjamín, ahorrar la historia. Según él, *solamente la humanidad redimida su pasado se convirtió en citable en cada uno de sus instantes*. Redimir el pasado puede significar, en el tiempo-ahora, recordar la insolencia de la mirada infantil que un día dejó de existir por la acción de la producción de un discurso referente al “niño” y de la “infancia”. Recordar cuántos pavos habían pasado por nuestras vidas durante nuestra historia y que no habían sido vistos. Pensar pues como habría sido si habíamos visto todo que desconsideramos. En el caso de la educación, dejar la máscara o la aureola del profesor caer para entonces percibir: ¿Por qué los niños les gusta jugar con las porciones restantes de los materiales de construcción, remanente de costura, has de cuenta...? ¿Por qué para él todo es inestable? ¿Por qué con él de todo sucede? Porqué tiene siempre un escondrijo secreto de refugio? ¿No sería allí el lugar en donde saca la prueba de nuestras “verdades”? Todas estas experiencias que nosotros, adultos experientes, no nos atrevemos a intentar, hacen con qué la magia de la experiencia se vuelva ciencia. ¿Cuando, nosotros, adultos educadores, pensamos de lo que producen los niños con los restos de la costura y las porciones restantes de construcción? ¿Cuándo obtenemos su confianza y conseguimos adentrar en su lugar oculto? ¿Conseguimos producir algo a partir de lo que la historia nos echa a nosotros? ¿Y si cambiáramos el ángulo de la observación, será que no sería posible constituir una otra historia, una otra experiencia, de modo que, mañana podremos ver, sin daños o resentimientos, qué nosotros producimos hoy? ¿La historia oficial de la educación hace posible a percibir en el presente el qué fue olvidado por el pasado y que otra historia podría tener sido constituida?

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999.

__. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

__. *Obras escolhidas: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

__. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BAPTISTA, Luis Antônio. Arte e Subjetividade na Experiência Teatral: Contribuições de Jurema da Pavuna. In: MACIEL, A et. Al. *Polifonias: Clínica, Política e criação*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2005.

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

__. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990b.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In.: BRESWANI S. (org.) *Memória e (Res)sentimento*. São Paulo: Edusp, 2001.

__. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

__. Por que um mundo nos detalhes do cotidiano? História e Cotidiano em Walter Benjamin. In: *Revista USP: Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp. n. 15, 1992. Disponível em: www.usp.br/revistausp

__. *Walter Benjamin: os cacos da história*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993

KANT, Immanuel. *Sobre Pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1996.

KONDER, Leandro. Filosofia da história em Walter Benjamin. In: *Revista USP: Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp. n. 15, 1992. Disponível em: www.usp.br/revistausp

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. *A Ordem do Discurso da Educação Ambiental*. PPGEdu UFRGS, dissertação de Mestrado, 2000.

ROSA, Guimarães. As margens da Alegria. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Nova Fronteira, São Paulo:1962

